

## A SUSTENTABILIDADE COMO PRÁTICA SOCIOMATERIAL EM UMA FEIRA DE PRODUTOS ORGÂNICOS DE JOÃO PESSOA/PB

Sustainability as sociomaterial practice in an organic products fair in João Pessoa/PB

Laércio de Barros Silva<sup>1</sup>

Larissa Lucena Almeida<sup>2</sup>

### Resumo

O tema sustentabilidade está sempre presente nas discussões atuais; contudo, observa-se que envolver as relações entre humanos e não humanos (sociomaterialidade) ainda não é tão comum quanto deveria, apesar da sua importância. Portanto, colocar em pauta a sociomaterialidade na sustentabilidade enquanto prática é o principal desafio desse artigo. Nesse sentido, uma atividade sustentável foi escolhida para evidenciar essa interação: a feira orgânica. Essa atividade está em crescimento nos últimos anos no Brasil e a cada dia tem atraído mais consumidores e agricultores. Sendo assim, o artigo teve como objetivo compreender a sociomaterialidade na sustentabilidade como prática em uma feira orgânica. A pesquisa é qualitativa e utilizou como método a etnografia. A unidade de análise foi uma feira orgânica realizada na cidade de João Pessoa/PB. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados a observação não participante, entrevista semiestruturada e conversa informal. Como aspecto conclusivo foi possível compreender que a sustentabilidade como prática sociomaterial na feira é responsável por construir, manter e perpetuar a prática ao longo do tempo. Além disso, a relação entre os humanos e não humanos possibilita que a sustentabilidade aconteça; portanto, entender esse fenômeno pode ajudar a avançar no campo da sustentabilidade.

**Palavras-chave:** estudos baseados na prática, sustentabilidade, sociomaterialidade.

### Abstract

The theme of sustainability is always present in current discussions, though it is still observed that involving human and non-human relations (sociomateriality) is not as common as it should be despite its importance. Therefore, the main challenge of this article is to put sociomateriality into sustainability as practice on the agenda. In this sense a sustainable activity was chosen to highlight this interaction: an organic fair. This activity has been growing in recent years in Brazil and every day has attracted more consumers and farmers. Hence, this study aims at understanding sociomateriality in sustainability as practice in an organic fair. The research is qualitative and used ethnography as a method. The unit of analysis was carried out in the city of João Pessoa/PB. The instruments of data collection were non-participating observation, a semi-structured interview and informal conversation. As a conclusive aspect it was possible to understand that sustainability as the sociomaterial practice at the fair is responsible for building, maintaining and perpetuating a practice over

<sup>1</sup> Discente de Mestrado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Brasil. Graduação em Administração pela Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, Brasil. E-mail: [laercio.barros.adm@gmail.com](mailto:laercio.barros.adm@gmail.com)

<sup>2</sup> Discente de Mestrado em Administração pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Brasil. Graduação em Administração pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, IFPB, Brasil. E-mail: [larissalucena89@hotmail.com](mailto:larissalucena89@hotmail.com)

time. In addition, it is the relationship between humans and non-humans that makes sustainability happen, so understanding this phenomenon can help to move forward in the field of sustainability.

**Keywords:** practice-based studies, sustainability, sociomateriality.

O tema central deste artigo, que é a sustentabilidade, tem sido debatido com frequência em eventos de nível mundial, como na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano (Conferência de Estocolmo) de 1972, na Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) de 1983 e, em 1987, através da publicação do relatório Nosso Futuro Comum (*Our Common Future*) ou relatório de Brundtland. Ainda, em 1992, com a realização da Conferência das Nações Unidas para Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92), em 2002, com a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (CNUDS) em Johannesburgo, e, também, com a elaboração do relatório “Futuro que Queremos” na CNUDS (2012). É perceptível, pela quantidade de eventos com a finalidade de discutir a temática, que a sustentabilidade é uma preocupação crescente do Estado e da iniciativa privada, assim como da sociedade em geral. Todavia, será que a condução dos problemas que envolvem a sustentabilidade está sendo realizada com o cuidado necessário? E, ainda, será que a sustentabilidade como é tratada atualmente pode realmente mudar a vida humana e a conservação dos recursos para o futuro?

Diante desse cenário e dos acontecimentos que estão ocorrendo no mundo, é possível perceber que muita coisa já mudou quando se trata do assunto sustentabilidade, mas que também existe muita coisa que pode ser melhorada. O discurso sobre sustentabilidade e desenvolvimento sustentável já está arraigado na cabeça das pessoas, mas parece que a ação necessária por trás dele ainda não está bem consolidada na vida cotidiana em sociedade. É comum ver muitas empresas levantando a bandeira da sustentabilidade, só que não se sabe até que ponto é realmente uma mudança de atitude ou apenas mais uma estratégia de marketing.

A sustentabilidade precisa ser encarada como algo realmente necessário para o nosso bem-estar e o das gerações futuras. O *triple bottom line*, que é amplamente divulgado e para muitos estudiosos a forma mais completa de se conseguir um desenvolvimento

verdadeiramente sustentável, possui um grau elevado de complexidade, pois o foco sempre acaba voltado para uma das bases do tripé e as demais, esquecidas ou menos valorizadas.

Neste trabalho, não se almeja desconstruir nada que já esteja consolidado sobre a sustentabilidade; contudo, pretende-se utilizar uma nova lente para a investigação do fenômeno com a finalidade de melhorar o campo teórico em que ele se encontra. Nesse sentido, a abordagem das práticas ou os também conhecidos Estudos Baseados na Prática (EBP) servirá de nova lente para compreensão do fenômeno da sustentabilidade.

Dessa forma, a sustentabilidade será aqui considerada como uma prática que acontece cotidianamente, que é desenvolvida coletivamente por diversos atores, é organizada, tem um sentido particular para as pessoas que a desenvolvem e é regida por regras e símbolos únicos dela. Através dessa lente é possível entender a composição da sustentabilidade por três dimensões, que já ocorre na visão *triple bottom line*. Todavia, o que essa visão tem de diferente das demais é a compreensão de que a sustentabilidade (macroprática) é composta por práticas ambientais, econômicas e sociais (micropráticas) e que uma não assumem grau de importância maior do que outra, ou seja, a equidade entre as micropráticas é o que caracteriza a sustentabilidade como prática.

Deste modo, a sustentabilidade como prática pode ser entendida como a relação entre atores humanos e não humanos, que são responsáveis pela construção da prática, sua manutenção e perpetuação ao longo do tempo. Nessa prática, é a ação humana juntamente com a ação dos elementos não humanos que possibilitam que as bases ambiental, econômica e social do tripé tenham uma interação que torne a sustentabilidade algo possível. A interação entre humanos e não humanos é que nos permite nomear a sustentabilidade enquanto prática sociomaterial. Sustentabilidade é prática social porque é realizada através de interações entre atores sociais, e, ao mesmo tempo, é material porque é criada/desenvolvida/mantida/alterada pelas ações com o mundo material, composto essencialmente por não humanos.

As feiras orgânicas têm se destacado por serem uma forma de agir da população que se preocupa com as questões relacionadas à sustentabilidade. Nelas, os envolvidos tentam equilibrar as questões ambientais, econômicas e sociais, além de oferecer um produto que contribui para o bem-estar da sociedade. Por isso, elas vêm aumentando e sendo mais procuradas pelas pessoas, constituindo-se um importante objeto de estudo. Segundo o Ministério da Agricultura (2015), entre janeiro de 2014 e janeiro de 2015, a quantidade de agricultores que optaram pela produção orgânica passou de 6.719 para 10.194, um aumento de aproximadamente 52%.

Contudo, a preocupação com a relação entre humanos e não humanos na sustentabilidade como prática ainda é pequena, principalmente quando se leva em conta a quantidade de discussões empreendida sobre a temática. Percebendo esse fato e observando a sua importância para o cenário mundial, este artigo teve como objetivo compreender a sociomaterialidade na sustentabilidade como prática em uma feira orgânica. E como problema de pesquisa, tem-se: quais as práticas sociomateriais que caracterizam a sustentabilidade em uma feira de produtos orgânicos?

Além dessa introdução, o artigo foi dividido em alguns tópicos. Primeiramente, têm-se alguns esclarecimentos conceituais a respeito dos Estudos Baseados na Prática (EBP), sobre a Sociomaterialidade e a Sustentabilidade como Prática Sociomaterial. Em seguida, será apresentada a metodologia empregada na pesquisa, assim como os métodos escolhidos para a coleta de dados. Na sequência, apresentam-se os dados adquiridos que caracterizam a sustentabilidade como prática sociomaterial na feira orgânica. E, por fim, serão apresentados alguns aspectos conclusivos, limitações e orientações para futuras pesquisas.

**A epistemologia das práticas**

Os Estudos Baseados na Prática (EBP) são um conjunto de teorias desenvolvidas por estudiosos e utilizadas tanto para estudar novos fenômenos quanto para estudar aqueles já existentes. Este campo de estudo, apesar de não ser tão recente, mas que passou por um período de adormecimento, vem ganhando destaque no campo dos estudos organizacionais. A obra intitulada “*The practice turn in contemporary theory*” de autoria de Schatzki, Knorr Cetina e Savigny de 2001 marca o “retorno” das práticas. Tem essencialmente origem filosófica e sociológica. De acordo com Gherardi e Strati (2014), recebe influências de Bourdieu (1972), Lyotard (1979), Foucault (1980), Taylor (1995) e Garfinkel (1967). Os EBP’s vêm ganhando atenção em outras áreas de estudo, como, por exemplo, a organizacional.

Anteriormente à obra de Schatzki *et al.* (2001), em 1998, pesquisadores de diversas áreas apresentaram uma sistematização dos estudos com interesses nas práticas no Simpósio da *Academy Management Meeting*. “O objetivo deste simpósio bem aceito foi introduzir esta área de pesquisa para o público acadêmico preocupado com estudos organizacionais e de gestão” (Nicolini, Gherardi, & Yanow, 2003, p. 4). Os trabalhos divulgados no evento foram posteriormente sistematizados e apresentados em uma edição especial da revista *Organization* (v. 7, n. 2, 2000). Daí em diante, os EBP’s começaram a se espalhar e a despertar interesse de estudiosos, inclusive no Brasil.

Os EBP’s não são estudos convencionais e necessitam de alguns esclarecimentos. Alguns termos como, por exemplo, conhecimento, aprendizagem e organização precisaram adquirir um novo significado para dar sentido à nova forma de enxergar o mundo através das práticas (Nicolini *et al.*, 2003). Entre os esclarecimentos necessários, o primeiro é em relação à importância que as práticas situadas ganham; isso porque são as práticas que devem ser

seguidas e estudadas e não apenas quem as pratica. Os atores sociais (humanos e não humanos) são, sim, considerados importantes, mas, no contexto dos EBP's, o mais importante é a compreensão dos resultados alcançados através da sua interação.

O segundo esclarecimento necessário é que não há assimetria entre humanos e não humanos; ambos podem ser considerados como autores sociais das práticas. Deste modo, o sentido da prática é constituído a partir da mediação dos não humanos (objetos, materiais, símbolos etc.) nas atividades desempenhadas pelos humanos, pois é quase impossível que uma prática aconteça quando não há a presença de um desses atores.

O terceiro ponto diz respeito à compreensão do que são as organizações. Os estudiosos das práticas preferem usar o termo *organizing*, que dá a ideia de algo processual, pois as organizações, para quem usa as lentes das práticas, não são estáticas e acabadas, mas, sim, fazem parte de uma malha de práticas sem fronteiras e sem limitações. Gagliardi (2009) e Strati (2000 citados por Bispo, 2011) fazem algumas considerações em relação ao sentido que as organizações têm através das lentes dos EBP's:

Essas colocações implicam três observações a respeito das organizações: (a) elas não são apenas a soma dos indivíduos que as compõem e, necessariamente, precisam compartilhar de um mesmo espaço físico e temporal; (b) as organizações são combinação de elementos humanos e não humanos (artefatos) que constituem um espaço privilegiado de construção de sentido coletivo; (c) as organizações não são, de fato, seus organogramas e, de modo geral, não representam no cotidiano as missões, as visões e os valores declarados, pois parecem mais um desejo da direção da organização quando não são apenas “enfeites”. (p. 106).

O que fica bastante evidenciado no trecho acima é que a delimitação das organizações comumente visualizada nas teorias tradicionais não é a utilizada pela abordagem teórica adotada neste artigo. Entre as três considerações, destacam-se três palavras-chave para

explicar uma organização como processo (organizing). Organizing é (a) situada, isto é, contextual, (b) possui sentidos coletivamente construídos e (c) não são apenas discursivas. Até aqui foram feitos alguns esclarecimentos necessários para compreensão dos EBP's, mas o que de fato são as práticas e o que as compõem?

Schatzki (2001) define práticas como um conjunto de fazeres e dizeres organizados e interligados por meio de regras sociais (leis, estatutos, padrões de comportamento etc.), entendimentos construídos socialmente ao longo do tempo (contextual), e estruturas teleafetivas (orientação, objetivos, emoção). Já em sua obra de 2006, Schatzki considera práticas como estruturas espaço-temporais com múltiplas ações. Ainda de acordo com o autor, práticas são formadas por dois componentes básicos: ações e estruturas.

A estrutura da prática é formada por quatro principais fenômenos, que são: (1) entendimentos de ações que constituem a prática; (2) as regras, diretivas explícitas, advertências ou instruções que os participantes na prática observam ou negligenciam; (3) estruturação teleológico-afetiva (que engloba uma série de extremidades, projetos, ações, talvez as emoções); (4) entendimento geral (Schatzki, 2006).

Gherardi e Strati (2014) afirmam que comumente o termo “prática” assume significado relacionado à “rotina”, ou algo equivalente ao “o que as pessoas realmente fazem”. De acordo com tais autores, esse é um erro recorrente porque não “aborda a ligação entre prática e conhecimento, a sua crítica original e distintiva das concepções modernistas de conhecimento” (p. 43). Em sua definição, Gherardi (2006) afirma que prática é “[...] um modo relativamente estável no tempo e socialmente reconhecido de ordenar elementos heterogêneos em um conjunto coeso” (p. 34). Ainda na concepção da autora, a abordagem das práticas vai além do eterno dualismo entre mente/corpo, ator/estrutura, humanos/não humanos; as ações individuais constroem blocos do fenômeno social e as práticas discursivas



podem ser encaradas como formas de ordenamento coerente entre humanos e não humanos, e, ainda, para dar a devida atenção à materialidade do mundo social.

Nos EBP's, as relações entre humanos e não humanos recebem uma atenção especial, já que se considera que a prática é construída a partir dessa relação. Já existiam alguns estudiosos, principalmente de raízes sociológicas, que teorizavam sobre tal assunto, porém, com a lente utilizada pelas práticas houve uma expansão do interesse em estudos envolvendo a relação entre o social e o material nas organizações. O tópico a seguir trará algumas considerações sobre o tema.

### **Sociomaterialidade nas organizações**

Por muito tempo foi comum os estudiosos de organizações falarem em materialidade e social como assuntos distintos. Segundo Orlikowski (2007), na literatura sobre pesquisa em organizações, era predominante se tratar a materialidade por apenas dois modos: o primeiro ignorava e fazia vista grossa para a materialidade nas organizações e o segundo tratava a materialidade como um estudo específico de casos sobre tecnologias. De acordo com Orlikowski (2007), para se estudar a sociomaterialidade nas organizações é necessária uma primeira ruptura de compreensão de “práticas organizacionais”, passando a um entendimento de “práticas sociais” e indo além, podendo assim iniciar uma construção de entendimento de que as organizações são compostas por práticas sociomateriais, assumindo a suposição de que os elementos materiais são tão importantes quanto os elementos humanos e que seu emaranhamento compõe as organizações.

O interesse pela relação entre humanos e não humanos veio importado das ciências sociológicas através de estudos realizados por Callon (1986), Latour (2005), Bijker (1997), Pickering (1993), Knorr Cetina (1997), Law (2004), Beunza, Hardie e MacKenzie (2006) e Orlikowski (2007). A partir desses estudos cresceu o interesse pela relação entre humanos e

não humanos em suas atividades cotidianas, mudando a dualística forma de se enxergar os aspectos materiais e sociais nas organizações, buscando, assim, entender como a relação entre os dois elementos compõe as práticas sociais nas organizações. Orlikowski (2007) salienta que “... o social e o material são considerados por ser intimamente relacionados - não há social que também não é material, e nenhum material que não seja também social” (p. 1437). Eles passaram a fazer parte de um mesmo emaranhado, ou seja, passaram a ser indissociáveis, guardando complementariedade de sentido em relação às práticas, que são constituídas por suas relações.

A materialidade pode ser entendida como os artefatos materiais existentes em uma organização que possibilitam o desenvolvimento das atividades dos seres humanos. Eles não mudam em função do tempo ou do espaço, o que mudam são as formas como as pessoas fazem uso deles (Leonardi, 2012). Já o social é compreendido como o significado/sentido que as pessoas dão às coisas ao seu redor. Corroborando essa mesma ideia, Fenwick (2014) descreve o “material” como todas as coisas utilizadas nas nossas atividades diárias em nossas vidas que são ambos orgânicos e inorgânicos, tecnológico e natural, e o “social” como os símbolos e significados, desejos e medos, e os discursos culturais.

Sendo assim, é a junção desses dois termos (material e social) que forma a sociomaterialidade, que, segundo Leonardi (2012), são os significados que as pessoas dão aos artefatos materiais; um não pode existir sem o outro. As pessoas necessitam dos materiais para realizarem suas atividades cotidianas, assim como os materiais precisam que as pessoas os deem utilidade e sentido. Portanto, tratá-los de forma dissociados foi um equívoco, que ainda vem sendo realizado por muitos estudiosos.

Nesse sentido, é importante destacar a agência dos humanos e dos não humanos dentro da perspectiva da sociomaterialidade. Como afirma Orlikowski (2007), não há a existência de entidade humana ou não humana independente e com características inerentes. “Humanos são

constituídos através das relações de materialidade – corpos, roupas, comida, dispositivos, ferramentas, as quais, por sua vez, são produzidas através das práticas humanas. A distinção de humanos e artefatos, nessa visão, é apenas analítica; essas entidades relacionalmente implicam ou promulgam a outra na prática.” (Orlikowski, 2007, p. 1438).

Pode-se entender, portanto, que toda prática é construída e desenvolvida através da relação de sociomaterialidade existente, pois não existe o social sem o material e vice-versa. E, quando a sustentabilidade passa a ser compreendida como uma prática, faz-se necessário buscar compreender os aspectos sociomateriais que estão fortemente presentes nela. A sustentabilidade é fruto da ação humana de interação com os demais elementos constituintes de sua vida cotidiana. A preservação natural, por exemplo, se dá pela existência dos ambientes naturais cercados de elementos não humanos, tanto naturais como implantados pelo homem, ora os elementos não humanos implantados pelos humanos aparecendo de forma a degradar e desequilibrar o ambiente natural (o maior exemplo é o lixo), ora aparecendo como algo mitigador da ação humana degradante (um exemplo seria as lixeiras). Assim sendo, na próxima seção tem-se uma discussão sobre a sustentabilidade e a sociomaterialidade.

### **Sustentabilidade como prática sociomaterial**

A sustentabilidade tem sido um dos temas mais debatidos nos anos recentes, ora por sua real importância, ora pelo modismo que ela tem gerado, principalmente no campo de estudos da administração. A emergência do tema se dá pela real necessidade de mudança frente aos agravamentos das condições ambientais que comprometem a sobrevivência do homem na Terra. A forma como os recursos naturais têm sido explorados e empregados resulta em mais e mais desigualdades sociais, pondo boa parte da população em condições sub-humanas de vida. Frente a essa crescente gravidade das condições, o homem se deu conta da

insustentabilidade do sistema vigente e reconheceu a necessidade de mudança de rumo, optando, assim, por caminhos alternativos aos direcionamentos vigentes em direção à sustentabilidade (Irving, 2014).

O debate acerca da sustentabilidade tem raiz fincada no tema desenvolvimento sustentável que, por sua vez, de acordo com Baroni (1992), entra no debate em 1980 “... quando a UICN (União Internacional para Conservação da Natureza) apresenta o documento Estratégia de Conservação Mundial com o objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável através da conservação dos recursos vivos” (p. 15). Apesar de várias críticas realizadas a respeito desse conceito, foi ele que deu origem ao debate sobre desenvolvimento sustentável/sustentabilidade. Em seu texto, Baroni (1992) apresentou 11 definições bem aceitas de desenvolvimento sustentável e, na maioria delas, se encara a ideia de satisfação das necessidades presentes sem comprometer a garantia da satisfação das necessidades futuras. Todavia, o que se percebe é uma confusão na ideia de que sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável estão apenas relacionados ao uso dos recursos naturais, ou seja, à dimensão ambiental.

Uma definição amplamente aceita sobre sustentabilidade é o equilíbrio entre três principais dimensões, o reconhecido *triple bottom line* (tripé do desenvolvimento), que leva em conta três dimensões: a econômica, a social e a ambiental. A ideia de *triple bottom line* é de cunho bastante empresarial e visa introduzir as organizações como entes responsáveis na condução da sustentabilidade. Esse entendimento do reconhecimento da importância das organizações para o desenvolvimento sustentável teve início na década de 1990. Em 1994 Elkington elabora o conceito do *triple bottom line*. Segundo Elkington (2004), estamos diante de uma revolução cultural global, em que os negócios devem assumir, muito mais do que governos e organizações não governamentais, o papel de condutor dessa revolução.

Portanto, entende-se que a sustentabilidade deve ser incluída do ponto de vista social, sustentável, do ponto de vista ecológico, e sustentada (economicamente viável) (Kruel, 2010). Sachs (2009) indica outras dimensões da sustentabilidade a serem analisadas, que são, além da social, econômica e ambiental, a inclusão das dimensões cultural, ecológica, territorial e política. Contudo, para efeitos deste trabalho, esta definição não será aceita por completo e sofrerá adaptações a partir das lentes das práticas sociais.

De acordo com Cavalcante e Bispo (2014), é preciso mudar a forma de visualizar o *triple bottom line* e passar a tratar suas dimensões da sustentabilidade não de maneira isolada, em que, num dado momento, alguma das dimensões assume um peso superior frente às demais, mas, sim, de forma integrada em que cada uma possui o mesmo peso e a mesma importância. Dessa forma, ao introduzir o uso das lentes da prática como forma de se estudar o fenômeno da sustentabilidade, Cavalcante e Bispo (2014) fazem algumas considerações necessárias:

Assim, ao assumir as lentes das práticas sociais como referência para a compreensão da sustentabilidade, alguns aspectos epistemológicos devem ser considerados para a compreensão da reflexão aqui construída: a) uma posição antipositivista, racionalista e cognitivista; b) despreço por dualidades como, por exemplo, sujeito-objeto, mente-corpo, agência-estrutura, humano e não humano, entre outras; c) valorização do senso comum como inspiração científica; d) assumir as práticas como aglutinadoras e fomentadoras de processos organizativos e organizações (p. 82).

Neste sentido, os autores entendem sustentabilidade “... como uma prática sociomaterial cotidiana, não prescritiva, que surge, perpetua e se modifica nas interações cotidianas entre humanos e não humanos” (Cavalcante & Bispo, 2014, p. 82). Assim, compreender a sustentabilidade como uma prática sociomaterial nos permite observá-la a partir de outros ângulos que não seja aquele focado apenas na agência humana. Nesse contexto, o material também desempenha um papel fundamental para a subsistência da prática.

Quando a sustentabilidade passa a ser estudada como uma prática sociomaterial, faz-se necessário entendê-la em sua forma mais natural, ou seja, quando ela está acontecendo. Por isso, identificar os aspectos materiais e sociais que formam o emaranhado que dão sentido e perpetuação à prática é fundamental. O ser humano precisa do meio ambiente (não humano) para realizar suas atividades diárias relacionadas à sustentabilidade e o meio ambiente também necessita dos humanos para lhes conferir significado. O mesmo acontece com as outras duas dimensões: a social e a econômica, pois, toda a prática da sustentabilidade é constituída da relação entre o material e o social.

### **Percurso Metodológico**

A pesquisa é de abordagem qualitativa em que, segundo Merriam (2009) “.... pesquisadores qualitativos estão interessados em entender como as pessoas interpretam suas experiências, como elas constroem seus mundos, e qual significado elas atribuem a suas experiências ....” (p. 5). Sendo assim, como método foi utilizada a etnografia, por entender que ela se ajusta melhor à busca das informações (padrões compartilhados) do fenômeno estudado por este trabalho. “Os etnógrafos estudam o significado do comportamento, a linguagem e a interação entre os membros do grupo que compartilham uma cultura.” (Creswell, 2013, p.82). Dessa forma, primeiro procurou-se observar e compreender os comportamentos compartilhados pelo grupo, para, então, realizar a descrição detalhada dos padrões encontrados.

O lócus da pesquisa foi uma feira de produtos orgânicos que acontece num bairro da cidade de João Pessoa/PB. Os sujeitos da pesquisa foram os organizadores da feira, os feirantes e os clientes. Como instrumentos para coleta dos dados foram utilizados entrevistas semiestruturadas, conversas informais e observação não participante. A realização da pesquisa se deu em duas etapas: na primeira houve a realização de observações não

participante sobre a feira, com anotações em diários de campo, com foco em entender os processos organizativos e as relações sociomateriais existentes na feira. Na segunda, além das observações, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e conversas informais com os organizadores, feirantes e clientes. Durante esta etapa, as conversas e entrevistas foram gravadas e, quando necessárias, transcritas. Nessa etapa, os pesquisadores também puderam observar a realização de uma reunião conduzida pelos organizadores para tratar de alguns aspectos da feira com os feirantes.

A primeira etapa teve como finalidade compreender a organização da feira durante a sua execução, buscando identificar os agentes materiais e os aspectos sociais presentes na feira, assim como a relação entre eles ao longo do período em que a feira era realizada. Já a segunda etapa foi importante para entender, a partir da ótica dos participantes da feira (humanos), quais os sentidos e significados de cada material utilizado nela (não humanos), e para entender com mais profundidade como acontece o processo de organização da feira desde a produção dos alimentos até o fim da feira.

No processo de análise dos dados, o primeiro passo foi descrever o processo organizativo da feira a partir das anotações feitas do diário de campo e das conversas informais. Já a partir das entrevistas semiestruturadas foi possível obter dados sobre os materiais utilizados na feira e as relações entre eles e os humanos, e, dessa forma, elaborar categorias para mais bem analisar as relações sociomateriais de acordo com as dimensões da sustentabilidade existentes na feira. No Quadro 1 é possível observar as categorias elaboradas pelos autores de acordo com Orlikowski (2007) e Sachs (2009).

Dimensão da Sustentabilidade					
Ambiental		Econômica		Social	
Atores sociais Humanos	Atores sociais Não humanos	Atores sociais Humanos	Atores sociais Não humanos	Atores sociais Humanos	Atores sociais Não humanos
Organizadores	Recursos naturais	Organizadores	Dinheiro	Organizadores	Coletes Espaço de realização Barracas Balança Meios de locomoção Produtos
Feirantes		Feirantes		Feirantes	
Clientes		Clientes		Clientes	
<b>Categoria 1</b>	Relação entre os organizadores e os recursos naturais.				
<b>Categoria 2</b>	Relação entre os feirantes e os recursos naturais.				
<b>Categoria 3</b>	Relação entre os clientes e os recursos naturais.				
<b>Categoria 4</b>	Relação entre os organizadores e o dinheiro.				
<b>Categoria 5</b>	Relação entre os feirantes e o dinheiro				
<b>Categoria 6</b>	Relação entre os clientes e o dinheiro.				
<b>Categoria 7</b>	Relação entre os organizadores e os coletes, espaço de realização, barracas, balança, meios de locomoção e produtos.				
<b>Categoria 8</b>	Relação entre os feirantes e os coletes, espaço de realização, barracas, balança, meios de locomoção e produtos.				
<b>Categoria 9</b>	Relação entre os clientes e os coletes, espaço de realização, barracas, balança, meios de locomoção e produtos.				

**Quadro 1** - Categorias de análise

Como a feira é realizada quinzenalmente, as idas a campo foram realizadas no período de três meses, começando em outubro e terminando em dezembro, totalizando quatro visitas (em alguns dias não foi possível que os pesquisadores pudessem comparecer à feira), sendo todas



as visitas em tempo integral, ou seja, no horário em que a feira tinha seu início até o seu encerramento.

## **Análise dos Dados e Resultados**

### **Caracterização: a feira e seu processo organizativo**

A feira orgânica acontece no bairro dos Bancários na cidade de João Pessoa/PB. É organizada pela Comissão da Pastoral da Terra (CPT) e conta com o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e do Movimento dos Sem Terra (MST). Ainda conta com o suporte do Centro de Práticas Integrativas Equilíbrio do Ser, que faz parte da prefeitura de João Pessoa/PB e cede o espaço onde a feira ocorre. Ela é realizada quinzenalmente, sendo na primeira e terceira quarta-feira de cada mês, porém, quando o mês tem cinco semanas, a feira acaba ocorrendo mais de duas vezes. Seu horário de funcionamento é das 6h e 30min até às 13h aproximadamente. A seguir temos a representação da feira através da Imagem 1.



**Imagem 1** - Feira orgânica

Para fazer parte da feira, ou seja, para ser um feirante legitimado, é necessário o pertencimento ao movimento social MST. Todos os feirantes são agricultores de base familiar que já se encontram assentados ou em fase de acampamento; pode-se afirmar que isso é um aspecto fronteiro da feira enquanto espaço social. Atualmente, existem dez feirantes que compõem a feira orgânica e eles pertencem basicamente a três assentamentos: Marinas, Capim de Cheiro e Antônio Pinto, todos localizados no município do Conde.

Além disso, outra necessidade também identificada é com relação ao contrato social existente entre os feirantes, que estabelece a necessidade de eles serem os produtores de tudo o que se comercializa na feira. Não é permitida a presença de atravessadores (pessoas que compram os produtos dos feirantes e revendem).

Toda organização da feira é realizada a partir de reuniões mensais entre os feirantes e organizadores. Nelas, todas as decisões são tomadas de forma coletiva. Em uma das visitas, foi possível participar de uma das reuniões, que teve como pauta o aumento da taxa mensal (denominada de fundo feira pelos participantes), a entrada de novos feirantes, questões relacionadas à publicidade e a organização do armazém onde são guardados os materiais utilizados na feira. Um aspecto que chamou bastante atenção foram as discussões sobre a entrada de novos feirantes, um processo bastante rígido e democrático, que é constituído de três etapas que precisam ser seguidas fielmente: participação das reuniões e das feiras antes de ser efetivamente um feirante, inspeção da sua parcela (terra onde ocorre a produção) pelo técnico e decisão coletiva de aceitação ou não do novo feirante pelo grupo. Além disso, o novo candidato deve, obrigatoriamente, ser ligado ao MST.

### **A sustentabilidade enquanto prática sociomaterial na feira de produtos orgânicos**

Conforme foi apresentado na revisão de literatura deste trabalho, optou-se pelo conceito de sustentabilidade como uma prática sociomaterial cotidiana, que surge da interação entre

humanos e não humanos (Cavalcante & Bispo, 2014). Também é opção teórica aceitar que a sustentabilidade como prática é composta por micropráticas sociais, ambientais e econômicas, que também são sociomateriais e cotidianas. Para efeito deste trabalho, as micropráticas serão apresentadas de forma separada, porém, quando observadas nas práticas cotidianas, estão imbricadas umas às outras, e isso vai se tornar perceptível quando algumas vezes recorreremos a uma microprática para explicar outra.

A prática ambiental fica evidenciada na oralidade das pessoas em apresentar seus produtos orgânicos:

*“vendo batata, macaxeira, coentro, banana, manga espada, manga rosa, pimenta, goiaba, tomate, tudo da minha produção .... nós ‘trabalha’ com defensivo, preparamos os defensivos com o pessoal da CPT, os técnicos. Não usamos agrotóxicos. De jeito nenhum. Nossa produção é limpa” (Entrevista/feirante 2, 2015).*

Isto põe em destaque a rede de práticas ligadas à feira, isto é, a feira não começa apenas às 6h e 30min da manhã das primeiras e terceiras quartas-feiras de cada mês, mas, sim, começa com o preparo do produto comercializado, desde o plantio, passando pelo cultivo, até a colheita dos produtos. O processo de produção é feito com muito cuidado e com muito respeito ao meio ambiente. Não há uso de agrotóxicos químicos, as pragas são combatidas através da compostagem, que também é utilizada para fertilizar o solo, evidenciado pela fala de um dos feirantes ao ser indagado sobre a forma do controle de pragas

*A gente usa produtos naturais como urina da vaca, a gente faz caldo a bordalesa, a gente faz ninho, a gente faz compostagem orgânica com esterco do gado, bota na água, dilui assim e joga na lavoura. E assim sucessivamente” (Entrevista/feirante 1, 2015).*

A água é um recurso bastante valorizado e seu uso é feito de forma consciente. Uma observação latente aos olhos dos observadores foi em relação a não produção de lixo no

espaço, o que é de se esperar (pela tradição, do que é uma feira). Os lixos observados são materiais orgânicos e já têm um destino determinado após o fim da feira.

A prática social enquanto fenômeno é composto por atores sociais, entre os quais os principais observados são os feirantes, os consumidores e os organizadores. Também há os macroatores, que são as instituições que organizam os feirantes e a feira e também se apresentam na prática social (no engajamento dos feirantes com as práticas de produção orgânica e comercialização). O respeito ao ser humano é uma característica evidente na feira. Isso pôde ser observado no espírito de parceria entre os feirantes e o respeito com os clientes e com os organizadores. A relação entre os feirantes é bastante cordial. Através da observação e também do discurso deles, é perceptível que não há competição e que o mais importante é que todos saiam satisfeitos ao final de cada feira, tanto os feirantes e organizadores como os clientes. O ganho deve ser coletivo e não individual. Para alguns clientes/consumidores, o modo como conheceram a feira foi através de indicação de amigos e familiares, isto é, participar da feira é uma prática social que é recomendada por alguns frequentadores, representada na fala de alguns dos clientes com os quais nós conversamos:

*“Minha irmã que faz tratamento aqui no equilíbrio do ser”. O equilíbrio do ser é um órgão da prefeitura, que apoia a feira cedendo espaço, então há outra prática social envolvida que se relaciona – frequentar o órgão é uma forma de conhecer a feira. Outra cliente afirma que foi “Pelos amigos” (Entrevista/cliente 3, 2015).*

A prática econômica é evidente e é possível dizer que ela é fundamental para que a atividade da feira ocorra, porque sem trocas econômicas não há feira. No caso da feira orgânica analisada e a partir da fala de um de seus organizadores (representantes institucionais), o motivo da feira é a garantia de renda aos produtores e do ganho justo que eles buscam ter. Isso se dá devido ao fato de a feira existir por outras práticas sociais dentro do macrocontexto (a organização em assentamentos). A feira busca eliminar a figura do

atravessador (atravessador é quem intermedeia a ligação entre produtor e consumidor) que fragilizava as condições econômicas dos produtores, uma vez que o preço pago pelo atravessador era injusto. Mais uma vez, aqui há uma interligação entre as dimensões das práticas da sustentabilidade (o econômico e o social se confundem e se integram, se influenciam e se separam).

### **Os atores sociais da feira**

Em conversa informal com um dos organizadores da feira, percebeu-se o entrelaçamento das dimensões da sustentabilidade enquanto prática. Primeiro, caracterizando a sustentabilidade enquanto prática no contexto da feira, observa-se que há as três dimensões da sustentabilidade, que são: as práticas sociais, econômicas e ambientais. No que diz respeito aos atores sociais humanos que fazem parte do processo organizativo da feira, é possível observar basicamente três principais “personagens”: os feirantes, os organizadores e os clientes. Já os atores sociais não humanos são representados pelos artefatos materiais existentes no espaço da feira. Por artefatos materiais entende-se tudo que não é humano e faz parte do processo organizativo da feira.

**Os feirantes** aparecem como comerciantes e ao mesmo tempo como produtores (uma condição determinante para inserção do feirante na feira, pois não há a possibilidade de ser/exercer apenas um papel). **Os organizadores** também desempenham papel duplo ora como organizadores da própria feira, ora como orientadores no processo produtivo. O desempenho do papel dos organizadores é fundamentalmente de articulação, por eles possuírem vínculo institucional com a CPT. Além disso, eles precisam ter formação técnica em agropecuária e são responsáveis por orientar os produtores na produção de gêneros orgânicos. Por fim, mas não menos importante, encontram-se os terceiros atores sociais humanos da feira, que são os **clientes/consumidores**. Esses exercem papel fundamental,

porque a feira é um espaço de comércio e não há possibilidade de ocorrer trocas comerciais se não há quem compre.

Cabe destacar a simetria existente nos papéis sociais dos atores humanos: não há protagonismo exercido por apenas um dos atores, mas todos são protagonistas de mesma grandeza, da mesma forma que, apesar de em alguns momentos parecer que há envolvimento maior de um ator com uma dimensão da sustentabilidade, todos eles se envolvem e praticam as três micropráticas da sustentabilidade igualmente.

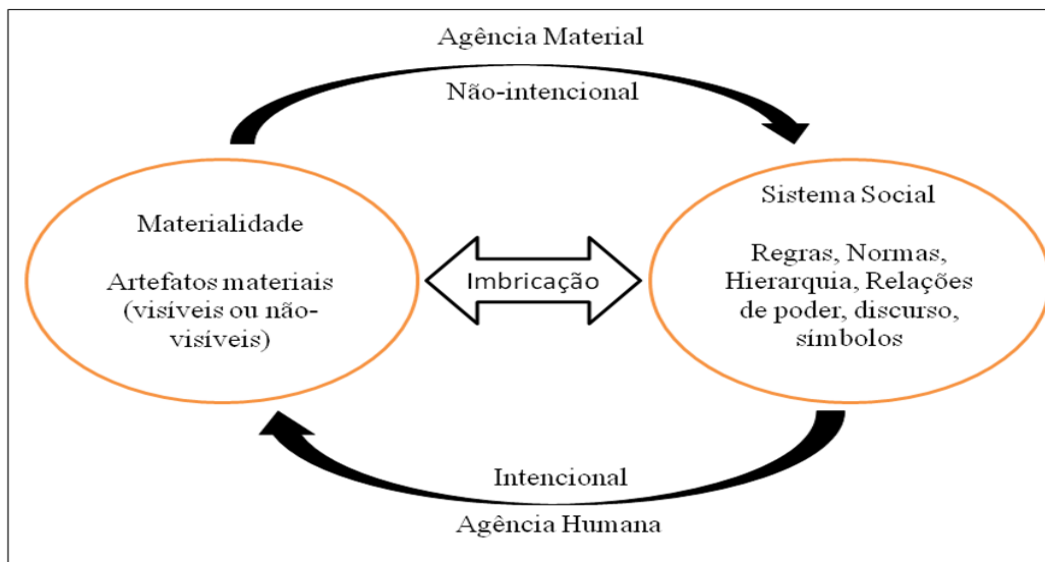
Como toda prática é intermediada por elementos não humanos, a composição da feira orgânica é dada através da interação dos humanos e dos não humanos e, por isso, é considerada social e material ao mesmo tempo. Portanto, considera-se não haver protagonismo por parte dos humanos, uma vez que suas ações são dependentes da utilização de artefatos. Por exemplo, não há como desenvolver práticas ambientais se não há a presença do ambiente, que é majoritariamente composto por elementos não humanos. Assim como alguns elementos intermedeiam as práticas sociais, um exemplo disso são as fardas que os organizadores utilizam e os coletes que os feirantes usam, o artefato vestimenta legitima os atores e torna-os pertencentes à feira. Já na dimensão econômica, é possível dizer que não há como fazer “trocas” sem a presença dos artefatos produtos e dinheiro. Sendo assim, o processo organizativo da feira orgânica é indiscutivelmente sociomaterial.

### **A sociomaterialidade na feira**

De acordo com Orlikowski (2007), todas as práticas são sempre sociomateriais em todos os lugares, essa sociomaterialidade é constitutiva, molda os contornos e possibilita o *organizing* das atividades cotidianas. Portanto, não importa o lugar ou a forma como a prática é desenvolvida, ela sempre será permeada por relações sociomateriais, em que os artefatos e as pessoas são interdependentes, pois é a partir do emaranhamento desses dois atores que a



prática é desenvolvida. A seguir, a Figura 01 traz a representação da sociomaterialidade em uma prática. No caso deste artigo, podemos entender como é a prática da sustentabilidade na feira orgânica.



**Figura 1 - Sociomaterialidade**

Elaborado pelos autores a partir de Leonardi (2012) e Orlikowski (2007).

Para Leonardi (2012), “... a prática sociomaterial é o espaço nos quais múltiplas agências humanas (social) e agências materiais estão imbricadas” (p. 27). Ou seja, não há como compreender a sustentabilidade como prática na feira dissociando os atores que firmam relações sociomateriais. Sendo assim, se faz importante destacar quais materiais estão inseridos na feira e quais sentidos as pessoas dão a esses materiais de forma que essa relação permita que as atividades cotidianas sejam desenvolvidas.

No universo da feira foi possível identificar vários atores que juntos constroem e dão sentido à sustentabilidade como uma prática, entre eles os materiais que são necessários para o desenvolvimento da atividade e também os seres humanos que dão significados aos materiais. O fato de os materiais não terem intencionalidade não quer dizer que eles não agem nos humanos, pelo contrário, eles agem, sim, e, muitas vezes, de forma tão forte que sua

ausência pode impossibilitar o desenvolvimento da atividade. Contudo, a intencionalidade intrínseca às pessoas torna mais visível sua agência e, por isso, elas passam a ser mais visadas e se tornam os grandes protagonistas.

### **As relações sociomateriais (humanos x não humanos)**

Através de trechos retirados das conversas informais que tivemos com consumidores e feirantes, foi possível constatar a importância dada aos materiais para o processo de organização da feira. Muitos dos elementos materiais saem de sua função enquanto instrumento de trabalho e passam a fazer parte do emaranhado de significados para os atores sociais humanos.

Dessa forma, foram identificadas 9 categorias de relações entre humanos e não humanos presentes na organização e execução da feira. Essas relações são cotidianas e acontecem de forma natural, motivo pelo qual, muitas vezes, os atores sociais envolvidos na prática acabam não as percebendo. Elas são emaranhadas e ocorrem sem uma separação clara, mas ao observar com um olhar mais cuidadoso, é possível perceber cada uma delas. Portanto, nos Quadros 1, 2 e 3 é possível observar essas relações e como elas acontecem através da fala dos participantes da feira.



<p align="center"><b>Categoria 1 - Relação entre os organizadores e os recursos naturais.</b></p>
<p>Essa relação ocorre principalmente quando os organizadores precisam ir aos locais onde são cultivadas as frutas, hortaliças, raízes e etc. que futuramente se tornarão produtos comercializados na feira. Nesse caso, eles precisam ter cursos que os capacitem nessa ação. É necessário ter conhecimento para detectar se há uso de agrotóxicos, se o uso da água é feito corretamente, se o solo é adequado para o plantio, entre outras atividades.</p>
<p align="center"><b>Categoria 2 - Relação entre os feirantes e os recursos naturais.</b></p>
<p>Essa pode ser considerada a relação que mais se destaca no cenário da feira na dimensão ambiental. Desde o plantio, passando pela colheita, até a realização da feira, há uma forte interação entre os feirantes e os recursos naturais. Também há a relação entre eles e os recursos naturais presentes no espaço de realização da feira, como as árvores, a vegetação e o clima, que pode facilitar ou dificultar a realização da feira.</p>
<p align="center"><b>Categoria 3 - Relação entre os clientes e os recursos naturais.</b></p>
<p>Como os feirantes só participam do processo da feira na hora da sua realização, essa relação ocorre pela interação entre eles e os produtos vendidos, assim como deles com a natureza ali existente (árvores, gramado, o clima, por exemplo).</p>

**Quadro 2 - Categorias de análise da dimensão ambiental**

<p><b>Categoria 4 - Relação entre os organizadores e o dinheiro.</b></p>
<p>Basicamente, para a feira existir é preciso que haja organização. E para haver organização, faz-se necessário o uso do dinheiro para pagar os técnicos para realizar as inspeções, para comprar material para a feira, para investir em divulgação, entre outras atividades.</p>
<p><b>Categoria 5 - Relação entre os feirantes e o dinheiro</b></p>
<p>A relação entre os feirantes e o dinheiro se inicia desde o momento em que eles decidem participar da feira. É necessário pagar o “fundo feira” para a manutenção, comprar insumos para o plantio, pagar o transporte dos produtos até a feira e para ter uma reserva em mãos para o troco dos clientes.</p>
<p><b>Categoria 6 - Relação entre os clientes e o dinheiro.</b></p>
<p>Como o dinheiro é a principal moeda de troca utilizada atualmente, principalmente no sistema capitalista, sem dinheiro para possibilitar a compra dos produtos não haveria a atividade de troca, que é fundamental na prática da feira. Sem dinheiro, dificilmente o cliente poderá comprar os produtos comercializados no espaço da feira.</p>

**Quadro 3 - Categorias de análise da dimensão econômica**

**Categoria 7 -** Relação entre os organizadores e os coletes, espaço de realização, barracas, meios de locomoção e produtos.

Assim como todas as outras relações que já foram descritas, sem esses materiais é impossível realizar a feira. O **colete** é uma espécie de farda elaborada pelos organizadores para colocar em destaque quem é feirante, assim como para ressaltar quem apoia a feira e sua diferença em relação às outras existentes. O **espaço** para a realização também é de responsabilidade dos organizadores, que ficam incumbidos de conseguir, zelar pela manutenção e organização. Na feira existe a padronização das **barracas** para que nenhum feirante esteja em destaque em relação ao outro; contudo, a confecção delas é de responsabilidade dos organizadores. Se eles atrasam ou não as confeccionam no padrão exigido, os feirantes serão prejudicados. A escolha do **veículo para o transporte** dos produtos também fica sob responsabilidade dos organizadores. Por isso, eles precisam estar atentos quanto à manutenção, os horários de chegada e saída do transporte, o armazenamento etc. Já a relação com os **produtos** se dá pela inspeção nos lotes de terra. Os organizadores precisam ter a capacidade e sensibilidade para perceber se a produção está correta e se os produtos estão com a qualidade desejada.

**Categoria 8 -** Relação entre os feirantes e os coletes, espaço de realização, barracas, balança, meios de locomoção e produtos.

Para os feirantes o **colete** é motivo de orgulho, pois mostra que eles fazem parte de uma feira comprometida com o que se propõe a oferecer aos consumidores. Eles também acreditam que o colete os põe em destaque e que os clientes já percebem que eles são feirantes. Quanto ao **espaço de realização** da feira há uma organização democrática, em que cada um já possui seu lugar definido em consenso entre eles. Cada feirante é responsável pelo lixo produzido e por cuidar do espaço para que não haja depredação do local. As **barracas** são os locais utilizados para exposição da mercadoria. Elas funcionam como a casa deles na feira. Há toda uma organização para chamar a atenção dos clientes e é nas barracas que eles realizam todas as atividades durante a feira (lancham, almoçam, vendem etc.). Já a **balança** é um instrumento que simboliza a confiança. Os feirantes precisam pesar os produtos para cobrar o valor correto. Como eles não moram e produzem em João Pessoa, eles precisam de carros para chegar até o espaço da feira, assim como para transportar os produtos da feira. Sem esses **meios de locomoção** eles não conseguem chegar ao local para a realização da feira. E quanto aos **produtos**, é possível perceber na fala deles o orgulho que sentem por serem os produtores e vendedores dos próprios produtos, e, ainda, por se preocuparem por produzir alimentos livres de agrotóxicos e com uma produção mais limpa.

**Categoria 9 -** Relação entre os clientes e os coletes, espaço de realização, barracas, balança, meios de locomoção e produtos.

A relação dos clientes com os **coletes** se dá através da imagem que o colete representa para eles. É através do uso do colete pelos feirantes que os clientes conseguem detectar quem é feirante e quem não é. O colete também transpassa uma sensação de organização. O **espaço**, para os clientes, é o local onde a feira se realiza e está sempre limpo, organizado, bem cuidado, fazendo com que eles se sintam à vontade para circular e realizar suas compras. As **barracas** são materiais que desempenham um papel muito importante para os clientes, pois é através delas que eles podem visualizar, tocar e interagir com os produtos que estão expostos. Os **meios de locomoção** ajudam os clientes a chegar ao local da feira e a transportar as mercadorias.

Dependendo do meio de transporte, os clientes podem levar mais produtos. Por fim, tem-se a relação entre os clientes e os produtos. Por se tratar de produtos orgânicos, os clientes geralmente são pessoas que procuram uma alimentação mais saudável, portanto, para eles, o produto representa um estilo de vida. Eles reconhecem o produto por suas características, que são diferentes dos produtos não orgânicos. Grande parte deles possui um tamanho menor, um sabor mais concentrado e duram mais tempo. Então, é o próprio produto que vai dizer ao cliente se a feira é ou não de confiança e está de acordo com os padrões que ele procura.

**Quadro 4 -** Categorias de análise da dimensão social

Para ilustrar alguns artefatos materiais existentes nas relações sociomateriais, as imagens 02 e 03 trazem a disposição das frutas na barraca, a balança, a barraca, o colete e uma parte do espaço utilizado.



**Imagem 2** - Artefatos materiais utilizados na feira



**Imagem 3** - Artefatos materiais utilizados na feira

### Aspectos Conclusivos

Durante o desenvolvimento deste trabalho viemos tecendo a ideia de conceituação da sustentabilidade enquanto prática sociomaterial que ocorre no cotidiano de forma não prescritiva e a partir da interação dos humanos e não humanos. Trouxemos uma abordagem consideravelmente nova para o campo de estudos da sustentabilidade, a saber, os Estudos Baseados na Prática. Por meio desta nova compreensão, acreditamos ter contribuído com o alargamento do campo e do entendimento da sustentabilidade como prática, ampliando os horizontes através da inserção de uma nova abordagem teórica.

De maneira geral, através de observações *in loco*, pudemos caracterizar a sustentabilidade como prática sociomaterial em uma feira orgânica. Realizamos o mapeamento dos atores sociais humanos e suas micropráticas de sustentabilidade através da interação destes com artefatos materiais (não humanos). Foi perceptível o alinhamento e simetria entre os atores sociais humanos na realização de práticas sustentáveis, sejam elas ambientais, sociais ou econômicas, isto é, todos assumem papel importante na realização da sustentabilidade como prática.

Este estudo também contribui ao dar destaque aos não humanos como atores sociais compositores da malha social que forma a feira. Foi possível constatar a dependência de alguns elementos não humanos para a realização dessa prática (ou o conjunto de micropráticas que a compõe). Por meio da observação não participante e das conversas informais foi identificada a influência de elementos humanos moldando o comportamento dos humanos. Um exemplo seria o significado atribuído pelos feirantes ao colete que eles usam para realizar seu trabalho na feira – o colete não era apenas uma vestimenta, mas comunica quem eles são e o que eles fazem, ao ponto de os feirantes se sentirem orgulhosos por vestirem aquele colete.

Podemos afirmar que a sustentabilidade na feira é sociomaterial porque toda a prática humana pode ser considerada social e material ao mesmo tempo, devido à dependência de elementos materiais indispensáveis. Outra observação que chamou bastante atenção é o quanto as micropráticas da sustentabilidade influenciam no processo organizativo da feira, podendo ser consideradas como determinantes da existência da feira – não há flexibilidade alguma para quem não cumpre os pré-requisitos. O feirante tem, assim como o candidato a feirante tem, que desempenhar práticas sociais (ser pertencente ao MST), práticas ambientais (produzir de forma orgânica e limpa) e práticas econômicas (produzir e vender apenas a sua produção). Assim podemos dizer que não há feira orgânica sem a sustentabilidade como prática.

Como limitação desta pesquisa podemos apontar a pouca literatura sobre o tema de sustentabilidade enquanto prática sociomaterial, mas ela é justificada por este ser um dos poucos estudos que entende a sustentabilidade nesta perspectiva, podendo assim ser considerado como uma tentativa de superação de sua própria limitação. E, como recomendações para estudos futuros, indicamos outras abordagens metodológicas usadas pelos Estudos Baseados nas Práticas, como, por exemplo, *interview to the double*, etnometodologia, *shadowing*, que são métodos de inspiração etnográfica, mas que podem ser considerados mais completos que a observação participante combinada com as conversas informais que foram utilizadas como método para a presente pesquisa.

## Referências

Baroni, M. (1992, abr./jun.). Ambigüidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. *Revista de Administração de Empresas*, 18(2), 14-24.



- Beunza, D., Hardie, I., & MacKenzie, D. (2006). A price is a social thing: Towards a material sociology of arbitrage. *Organization Studies*, 27(5), 721-745.
- Bispo, M. S. (2011). Uma reflexão sobre processos de aprendizagem nas organizações a partir do conceito de prática: desafios da gestão de pessoas a partir de uma abordagem interacionista do cotidiano. In R. M. Chiuzi (Org.). *Recursos humanos ou gestão de pessoas?: reflexões críticas sobre o trabalho contemporâneo* (pp. 103-120). São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Bijker, W. E. (1997). *Of bicycles, bakelites, and bulbs: Toward a theory of sociotechnical change*. Cambridge: MIT press.
- Callon, M. (1986). Some elements of a Sociology of Translation: Domestication of Scallops and the Fishermen of Saint Brieue Bay. In Jon Law (Ed.). *Power, Action an Belief: A New Sociology of Knowledge?* Sociological Review Monograph 32. London: Routledge & Kegan Paul.
- Cavalcante, E. D. C., & Bispo M. de S. (2014, jul./dez). Sustentabilidade como prática: um olhar etnometodológico e sociomaterial a partir da orla marítima de João Pessoa, Paraíba. *Organizações e Sustentabilidade*, 2(2), 80-113.
- Creswell, John W. (2013). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches*. Washington DC: Sage.
- Elkington, J. (2004). Enter the triple bottom line. In A. Henriques, & J. Richardson. *The triple bottom line: Does it all add up?* London, UK: Earthscan.
- Fenwick, T. (2014). Sociomateriality in medical practice and learning: attuning to what matters. *Medical Education*, 48, 44-52.

- Gherardi, S. (2006). *Organizational knowledge: the texture of workplace learning*. Oxford: Blackwell Publishing.
- Gherardi, S., & Strati, A. (Org.). (2014). *Administração e aprendizagem na prática*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Irving, M. de A. (2014). Sustentabilidade e o futuro que não queremos: polissemias, controvérsias e a construção de sociedades sustentáveis. *Sinais sociais*, 9(6), 15-38.
- Knorr Cetina, K. (1997). Sociality with Objects: Social Relations in Postsocial Knowledge Societies. *Theory, Culture & Society*, 14(4), 1-43.
- Krueger, A. J. (2010). Ignacy Sachs: uma voz sempre atual na sociedade. In *6 Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD – ENEO*. Florianópolis.
- Latour, B. (2005). *Reassembling the social*. Oxford: Oxford University Press.
- Law, J. (2004). *After Method: Mess in Social Science Research*. London: Routledge.
- Leonardi, P. M. (2012). Materiality, sociomateriality, and socio-technical systems: What do these terms mean? How are they related? Do we need them? In P. M. Leonardi, B. A. Nardi, & J. Kallinikos (Eds.). *Materiality and organizing: social interaction in a technological world* (pp. 25-48). Oxford: Oxford University Press.
- Merriam, S. B. (2009). *Qualitative research: a guide to design and implementation*. San Francisco, CA: John Wiley & Sons.
- Ministério da Agricultura (2015). *Em um ano, total de produtores orgânicos cresce 51%*. Recuperado de <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2015/03/em-um-ano-total-de-produtores-organicos-cresce-51>.
- Nicolini, D., Gherardi, S., & Yanow, D. (Eds.) (2003). *Knowing in organizations: a practice-based approach*. Armonk, NY: M. E. Sharpe.

Orlikowski, W. J. (2007). Sociomaterial practices: exploring technology at work.

*Organization Studies*, 28(9), 1435-1448.

Pickering, A. (1993). The mangle of practice: agency and emergence in the sociology of science. *American Journal of Sociology*, (99), 559-589.

Sachs, Ignacy. (2009). *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond.

Schatzki, T. R., Knorr Cetina, K., & Von Savigny, E. (Eds.) (2001). *The practice turn in contemporary theory*. New York: Routledge.

Schatzki, T. R. (2006). Organizations as they happen. *Organization Studies*, 27(12), 1863-1873.